

O FIM

História dramática em 2 quadros de ANTONIO PATRÍCIO. Publicada em 1909.

Representada pela primeira vez na Casa da Comedia em Abril de 1971, numa encenação de Jorge Listopad.

[...]

Cena única: sala de recepção do Paço Velho, semidestruída no 2.º quadro, vendo-se pelas janelas abertas uma perspectiva de escombros fumegantes.

É véspera do aniversário da Rainha-Avó. Prepara-se uma recepção no Paço Velho. No entanto, a miséria reina no país. Embora confirme a realização da festa, o Ministro confia à Aia que aquelas são «as últimas horas d'um povo», pois o país vai ser invadido e não tem forças para opor à invasão. Surge a Rainha-Avó que, na sua loucura mansa, canta evocando os dias felizes do reino. Ouvem-se os sinos da cidade a dar o alarme e as luzes apagam-se em todas as casas. Ao contrário do que se esperava, a cidade resistiu ao invasor. Muita gente morreu, incluindo os reis. O Desconhecido conta o que foi a façanha de um povo levantando-se contra um invasor poderoso que reunia as esquadras de vários países. Quando os estrangeiros desembarcaram, a basílica explodiu, dinamitada pelos populares, e aqueles fugiram, apavorados. Por isso, o Desconhecido quer transformar a Rainha-Avó no símbolo da Pátria, pois toda a corte pereceu na batalha. A Rainha-Avó entra como se viesse para a recepção planeada. E exclama: «Tenho fome».

Luiz Francisco Rebello. *100 anos de teatro português (1880-1980)*. Porto: Brasília Editora, 1984, p. 198.

Autorização de utilização por despacho de 28/06/2017 emitido pela Senhora Diretora Geral do Património Cultural Arqtª Paula Silva.